

WASHINGTON NOVAES

A água que vem do alto

Já se difundiram no mundo os temores de que as mudanças climáticas em curso, com o derretimento de geleiras, nos pólos e em outros pontos da Terra, tenham como uma das consequências o aumento do volume dos oceanos. Pouco se fala, entretanto, das consequências para o suprimento de água potável e energia em muitos pontos do mundo – que poderão ser muito fortes.

Neste Ano Internacional das Montanhas, a conceituada revista inglesa *New Scientist* fez um balanço da situação, que mostra, em síntese:

- Pelo menos um terço das geleiras no topo de montanhas vulcânicas poderão desaparecer em pouco mais de dez anos;

- cerca de 80% já derreteram desde o primeiro inventário, em 1912;

- esse processo afetará gravemente um décimo da população do planeta, 600 milhões de pessoas, que vivem em regiões montanhosas (24% da superfície terrestre); dessas pessoas, 80% estão abaixo da linha da pobreza;

- todos os grandes rios do mundo – aí incluídos o Nilo, o Amazonas, o Yang-tse, o Indo – nasceram em montanhas e serão afetados;

- 3 bilhões de pessoas dependem da água que nasce nas montanhas da região do Tibete;

- vários países latino-americanos estão sendo e serão afetados diretamente pela redução de geleiras – Peru, Equador, Bolívia, Chile, Argentina;

- muitos dos rios mais importantes da Europa, como Reno, Ródano, Danúbio e Pó, dependem de geleiras e, com o desaparecimento destas, dependerão de chuvas que, com as mudanças climáticas, se reduzirão no sul da Europa.



Na América Latina, entre 1.500 e 1.800 geleiras estão-se derretendo

lebrizou. Um milhão de pessoas vivem nos arredores e dependem da receita proporcionada por dezenas de milhares de turistas que vão conhecê-lo e, especialmente, dos 20 mil que tentam escalá-lo a cada ano.

Na América Latina, entre 1.500 e 1.800 geleiras estão-se derretendo no Peru e formando lagos (que poderão extravasar); reduziu-se o fluxo de água para hidrelétricas e provavelmente o país terá de recorrer a combustíveis fósseis para gerar energia. Uma das geleiras, Quelsccaya, que vinha recuando três metros por ano na década de 1970, passou para 30 metros anuais na década de 90. Lima é abastecida de água por uma geleira que forma o Rio Rimac e está recuando. Mais ao sul, em Upsala, o recuo nos Andes tem sido de 60 metros por ano nos últimos 60 anos, mas está-se acentuando. A

“Na atual marcha”, diz Lonnie Thompson, do Centro Byrd de Pesquisa Polar da Universidade do Estado de Ohio (EUA), “todo o gelo (nas montanhas) terá desaparecido entre 2010 e 2020.”

Na África, a Tanzânia já está sofrendo com a redução do turismo no Monte Kilimanjaro, que o cinema ce-

cidade de Quito, no Equador, é abastecida de água que vem de uma geleira que recuou um terço de sua extensão em 40 anos. Na Bolívia, 50% da população depende de água que vem de geleiras também ameaçadas.

Na Ásia a situação é igualmente muito preocupante. Como no Nepal, onde se formaram com o derretimento 2 mil lagos, e no Butão, com 3 mil. As geleiras do Himalaia é que respondem pelo grande fluxo de água nos rios asiáticos.

Uma das ameaças é de intensificação de desastres com o extravasamento de lagos e desmoronamento de geleiras. Ao longo do século 20, mais de 30 mil pessoas morreram em acidentes dessa natureza e foram de centenas de milhões de dólares os prejuízos com a destruição de hidrelétricas e rodovias. Um relatório recente da ONU indica mais de 40 pontos em que esse tipo de desastre está na iminência de acontecer, ameaçando milhões de pessoas.

Parece pouco provável que se consiga atuar sobre as causas centrais do problema, relacionadas com mudanças climáticas. É possível, entretanto, atuar para conservar a biodiversidade dessas áreas, eliminar algumas práticas insustentáveis e reduzir o risco de desastres.

Um dos caminhos, apontado por Maritta Koch-Weiser, da organização Earth 3000, que conhece bem o Brasil, é o pagamento por serviços ambientais a populações

das montanhas. Para que reflorestem encostas e cuidem da conservação em geral.

Esse tipo de pagamento começa a ser feito em muitos lugares. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o Departamento Florestal de New South Wales está pagando US\$ 42 anuais por hectare a 600 irrigantes, para que promovam o reflorestamento da área. Nos Estados Unidos, a Prefeitura de Nova York – já se comentou aqui – paga aos moradores das Montanhas Catskill para que conservem um rio que abastece a cidade – e com isso economiza alguns bilhões de dólares que teria de gastar com um novo sistema de captação e tratamento. No Butão, o governo preparou a população das montanhas para um turismo sustentável (apenas 6,2 mil visitantes em um ano), pelo qual os turistas pagam US\$ 200 por dia, e está transformando 25% do território nacional em parques capazes de conservar 60% da área de florestas. Com isso, a renda per capita da população da área se multiplicou por mais de dez em uma década. Programas semelhantes começam a ser implantados na Costa Rica, nas Filipinas e no Equador.

O turismo em montanhas movimenta cerca de US\$ 90 bilhões por ano, com 50 milhões de pessoas. Ao lado dele, estão também muito preocupados governos nacionais e até de Estados como o da Califórnia, nos EUA, onde toda a população depende de água que desce das montanhas.

Ainda assim, o governo norte-americano continua se recusando a homologar o Protocolo de Kyoto, assumir qualquer ônus para reduzir as emissões de poluentes da atmosfera que intensificam o efeito estufa e contribuem para mudanças climáticas. O presidente George W. Bush acaba de propor mais dez anos de pesquisa, antes de qualquer decisão. Resta ver se a natureza esperará.

